



Ministério da Educação

ATA DE REUNIÃO

ATA DE REUNIÃO DA CÂMARA TÉCNICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

VIDEOCONFERÊNCIA

Data: 17 de novembro de 2021.

Horário: 14h às 16h.

Aos dezessete dias do mês de novembro de dois mil e vinte e um, às quatorze horas, através de videoconferência, por meio do aplicativo virtual de reunião TEAMS, a Câmara de Educação Infantil se reuniu. A coordenadora Raquel deu as boas-vindas a todos e passou a palavra à consultora Georgia que faz a Apresentação do primeiro relatório - Diagnóstico da EI: matrículas, escolas, docentes e pesquisa INEP resposta educacional à pandemia no Brasil, esta última aplicada junto aos dados do censo escolar. Cronograma do Censo Escolar durante a pandemia.

Período de referência modificado excepcionalmente em 2020. Foi realizado em março, em período imediatamente anterior ao fechamento das escolas.

Estados e municípios começaram a decretar o fechamento das escolas entre 12 e 23 de março. O INEP colocou dia 11 de março como período de referência.

Para começar, o número de matrículas da EB.

Série histórica do número alunos matriculados na EB entre 2016 a 2020 por rede, privada, estadual, municipal e federal. Houve decréscimo entre 2018 e 2019 nas redes municipal e estadual, acentuado em 2020. No cômputo geral também houve um decrescimento 2019, acentuado em 2020.

NÚMERO DE DOCENTES POR ETAPA E/OU MODALIDADE (2016-2020):

Houve decréscimo no número de docentes entre 2016 e 2020. Na rede infantil o decréscimo foi bem pequeno, mas aconteceu.

NÚMERO DE DOCENTES NA EB:

Em 2020 havia cerca de 2,2 milhões de professores na EB, 40% desses docentes estavam na Região Sudeste e 28% na região Nordeste.

ATUAÇÃO DOS DOCENTES NS DISTINTAS ETAPAS E/OU MODALIDADES (2020):

A EI está em segundo lugar no número de docentes, atrás apenas do EF.

Os docentes da EI são exclusivos de uma turma diferente do final do EF.

ATUAÇÃO DOS DOCENTES DA EI:

Um total de 28% dos docentes atuam no Nordeste e 40% no Sudeste.

PERCENTUAL DE DOCENTES POR ETAPAS E/OU DEPENDENCIAS ADMINISTRATIVAS:

O maior percentual de docentes está na creche municipal seguida de creche privada.

PERCENTUAL DE DOCENTES DA PRÉ-ESCOLA POR DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA:

O maior percentual de docentes está na pré-escola municipal seguida de pré-escola privada em todas as Regiões do Brasil. O maior percentual de pré-escola estadual é do Centro-Oeste (quase 10%) devido ao

Distrito Federal.

PESQUISA RESPOSTA EDUCACIONAL À PANDEMIA NO BRASIL – INEP:

Levantamento aplicado entre fevereiro e maio de 2021, por meio de questionário suplementar durante a segunda etapa do Censo Escolar 2020 – Situação do Aluno. Responderam à pesquisa 94% das escolas, aproximando a pesquisa mais de um dado censitário do que amostral. A resposta da rede federal foi de 94% à pesquisa, 97% da Estadual; 97% da Municipal e 80% da privada.

DADOS GERAIS DE COBERTURA DA PESQUISA COVID-19:

A região que mais respondeu à pesquisa foi a Região Norte e a com menor resposta foi a Sul.

PERCENTUAL DE ESCOLAS RESPONDENTES AO QUESTIONÁRIO DA PESQUISA COVID-19 POR REGIÃO E ETAPA:

Mais de 90% responderam a pesquisa.

PERGUNTAS FEITAS NO QUESTIONÁRIO:

I. AJUSTE NA DATA DE TÉRMINO DO ANO LETIVO 2020 EM DECORRÊNCIA DA COVID-19: houve ajuste na data de término do ano letivo de 2020 em decorrência das medidas de enfrentamento da pandemia de Covid-19? Foi respondido por 57% que não e por 43% que sim.

Durante o período de suspensão das atividades presenciais de ensino-aprendizagem, a escola adotou estratégias não presenciais de ensino? Foi respondido por 1,9% que não e por 98,1% que sim.

II. ESTRATÉGIAS ADOTAS PELA ESCOLA OU SECRETARIA DE EDUCAÇÃO JUNTO AOS PROFESSORES: a pesquisa mapeou quais foram as estratégias aplicadas. Em nível de Brasil o maior percentual ocorreu na reorganização do planejamento de aula em reuniões virtuais. E a estratégia menos utilizada foi o acesso gratuito ou subsidiado à internet em domicílio e a disponibilização de equipamentos para os professores.

III. ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO E APOIO TECNOLÓGICO DISPONIBILIZADAS AOS ALUNOS: a mais utilizada foi a manutenção de canal de comunicação direto com os professores (86%), seguida de canal de comunicação com a escola (82,6%) e a menos utilizada foi o acesso gratuito ou subsidiado à internet em domicílio (6,3%) e a disponibilização de equipamento para uso do aluno.

IV. PLATAFORMAS DIGITAIS UTILIZADAS PELA ESCOLA NAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELA INTERNET: as ferramentas mais utilizadas foram os aplicativos ou ferramentas para videoconferências (86%), sendo que 7% das escolas responderam que não utilizaram nenhuma dessas estratégias.

V. O TEMA DA COVID-19 E AÇÕES DE PROMOÇÃO DA SAÚDE FORAM INTEGRADOS ÀS DISCIPLINAS ESCOLARES: mais de 92% das escolas responderam que sim.

VI. RETORNO ÀS ATIVIDADES PRESENCIAIS NO ANO LETIVO DE 2020: foi respondido por 90,1% das escolas que não retornaram às atividades presenciais em 2020. O tempo médio em dias de suspensão da educação infantil foi de 215 dias em 2020.

VII. ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS ADOTADAS PARA A CONCLUSÃO DO ANO LETIVO DE 2020: a estratégia mais adotada foi a reorganização curricular com priorização de habilidades e conteúdos específicos. E a estratégia menos utilizada foi a adoção de programa de educação acelerada para as séries/anos finais do ensino fundamental e médio.

Georgia: a estrutura do documento final será igual para todas as etapas e modalidades, o que vai alterar é o contexto e texto de cada item. O relatório final vai conter: apresentação, sumário e introdução. Contextualização e metodologia - coleta de dados secundários e o corpo do documento será dividido em três dimensões: matrículas, docentes e escolas. Na dimensão matrícula haverá um tópico trazendo o diagnóstico da EI que seriam os dados do MEC e do INEP complementados com alguns que saíram depois. Dados do INEP na medida que forem divulgados. Diagnóstico da EI com os dados censitários de 2020 e algumas séries históricas para compreensão como está contextualizada a EI. Um segundo tópico dentro da dimensão matrícula são os impactos, com as Pesquisas da FMCSV, Undime, outras pesquisas que o MEC possa fornecer, além de dados do Conselho Federal de Psiquiatria e Psicologia para acrescentar alguns dados do SUS que possam ser acrescentados, tais como questões de transtorno mental. Todas as pesquisas trazem esta percepção, haverá apresentação de um dado real sobre esses

assuntos no ano de 2020. Por fim, a dimensão matrícula será fechada com as recomendações, com uma análise contextualizada do diagnóstico mais os impactos, ou seja, os dados do MEC confrontados com as pesquisas. Da contextualização entre esses dados e os dados das instituições externas resultarão as recomendações. Cada dimensão: matrícula, docentes e escola teria um diagnóstico com dados do MEC, um tópico falando dos impactos, de como essas pesquisas captaram os impactos da pandemia na EI e o terceiro tópico seria as recomendações. Isso para os docentes - um diagnóstico, o impacto da pandemia na vida deles, em seu dia a dia, e as recomendações da CT para os docentes da EI. O mesmo para as escolas... por exemplo, a Beatriz da FMCSV falou da necessidade de espaços externos para a EI, parquinhos, janelas, mobiliário... tudo isso entrará na parte de recomendações. Para substituir, incluir ou mudar a nomenclatura de alguma coisa é só falar, o relatório terá a mesma estrutura para todas as CT, mas o diagnóstico será individualizado. Raquel agradeceu a apresentação e perguntou se a Patrícia queria falar, pois ela precisava sair antes do término dos trabalhos. Patrícia: agradeceu a apresentação da Geórgia e disse que, como representante da Undime fica preocupada com os dados dos municípios. E que o foco maior da EI é manter o contato com a família, por mais que tenhamos resoluções do CNE, falou a respeito de não se ter temos a obrigatoriedade da carga horária e dos dias letivos, ficou impressionada com os dados da EI. Falou do número maior de abandono que temos em SC, quando os pais não levam as crianças, a dificuldade de fazer as atividades, mas que fica evidente que enquanto primeira etapa da Educação Básica, tem aumentado a consciência. Os dados são quantitativos, não trazem os relatos, o que se pode colocar, é que a maior dificuldade na EI é o atraso na fala, a dificuldade de caminhar... há relatos de profissionais de EI que crianças bem pequenas já estavam falando, caminhando. O período pandêmico fez com que as famílias, que hoje são menores e as crianças fiquem isoladas, sem contato com outras crianças. Disse ser notório o aumento da vulnerabilidade e da desigualdade. Mencionou que o CNE tentou, foi muito feliz com a nota de 17 de março e fez com que os conselhos estaduais pudessem criar seus normativos. Finalizou sua fala ressaltando o grande desafio para 2022 com a continuação da pandemia, a EI como espaço seguro e a junção desses dados para se ter um panorama. O Eduardo disse que os números da apresentação da Georgia impressionavam, mas que eram só números, que estavam lidando com escolas reais, crianças e famílias por trás daqueles números. Citou sua própria experiência enquanto pai, as dificuldades em conciliar o trabalho e cuidados com os filhos, um recém-nascido e outra de dois anos. Fez um comparativo com uma família com menos estrutura, menos recursos, como deve ser difícil. Disse que às vezes o baixo rendimento de uma criança não está relacionado a uma defasagem de aprendizagem, mas a um contexto doméstico insalubre, um contexto tóxico que é produto também do isolamento social, que ainda estamos por descobrir, como gestores e como pais. Patrícia disse ser preciso uns cinco anos para remediar isso sendo otimista, porque são prejuízos que dificilmente são contornados. Ressaltou a responsabilidade muito grande com a primeira infância, a educação como um acúmulo não linear e a importância dos dados para uma ação efetiva.

A importância da Literacia Familiar na Educação Infantil e também no contexto da Primeira Infância.

o que ocorre na primeira infância tem impacto na trajetória posterior da criança nas instituições formais de ensino. Pesquisa da década de 60 de Betty Hart & Todd R. Risley. Pesquisa que avalia o vocabulário de crianças aos 36 meses, comparando o vocabulário de crianças de famílias pobres e vulnerabilidade social e crianças de classe média, nos EUA. O resultado da pesquisa demonstrou que aos 36 meses de idade há uma diferença absurda de emprego de palavras, seja no vocabulário receptivo, seja no expressivo. As crianças de classe média tinham um vocabulário de 1.116 palavras e as crianças de famílias pobres 525. Praticamente o dobro. O vocabulário aos três anos de idade já é preditor do desempenho em alfabetização. Provavelmente as crianças pobres terão dificuldades na alfabetização. E as dificuldades vão se acumulando. Não tendo facilidades na alfabetização terão outros problemas, retenção, evasão, distorção idade-série, dificuldade de aprender outras disciplinas... se partimos de um predisposto de educação com equidade, temos que olhar para a creche, a pré-escola com um olhar especial, percebendo que as condições de partida são muito desiguais. Geralmente, quando se fala em meritocracia etc... problematiza que um grupo parte de lambreta e outro com um carro de fórmula 1. A primeira infância diz muito o que vai acontecer nas fases seguintes da EB. Os investimentos na primeira infância trazem um retorno muito maior. Temos que garantir os fundamentos para o sucesso educacional. Outro conceito importante é o de **Literacia Emergente**: Conceito teórico que não coloca uma fronteira rígida entre o processo formal de alfabetização que tem um início e um fim, que ocorre no EF; mas não há uma

fronteira rígida com o que ocorre na EI e na primeira infância. O desenvolvimento da linguagem e as experiências da criança na primeira infância impactam o processo formal da alfabetização. A introdução da criança no mundo da língua escrita é continuum. Não se pode dizer que a criança não sabia nada antes de entrar para EF e então passa a saber tudo a partir do EF. Isso é uma visão muito dicotômica e simplista do processo de alfabetização. Claro que a alfabetização tem um princípio, meio e fim, está relacionada a codificar e decodificação, mas guarda relação com uma série de habilidades que estão relacionadas à literacia emergente e ao desenvolvimento da linguagem oral e escrita. A literacia familiar perpassa todas essas etapas, tanto a EI quanto o EF. Ela contribui tanto para as habilidades da Literacia Emergente quanto para as habilidades de alfabetização e depois consolidação da alfabetização. Não é porque uma criança foi alfabetizada que o pai deve parar de ler em voz alta para ela. A capacidade de leitura e compreensão da criança é sempre inferior a capacidade de compreensão oral. Explicando: Uma criança é capaz de entender textos oralmente que ela não é capaz de entender lendo. Quando um pai lê uma história para uma criança ele consegue transmitir uma história mais complexa do que uma criança é capaz de ler por conta própria. Quais são as habilidades de Literacia Emergente que uma criança pode desenvolver e um adulto pode explorar na EI, sejam os professores ou sejam os pais? São todas as habilidades relacionadas ao desenvolvimento da linguagem, desenvolvimento de vocabulário, a capacidade de compreensão das histórias, conhecer os personagens, descrever os cenários, ser capaz de explicar com as próprias palavras os episódios que acontecem na história, estabelecer as relações causais, tudo isso é possível de ser feito na primeira infância, as crianças se familiarizarem com livros, com a escrita, conhecer as letras, seus sons, desenvolver habilidades relacionadas a produção da escrita, tudo isso está escrito no Guia de Literacia Familiar com mais detalhes e nos vídeos. A Literacia Emergente reconhece que a primeira infância é o local de desenvolvimento dessas habilidades que vão concorrer positivamente com o processo formal de alfabetização.

Leitura Habil é a leitura fluente, a criança consegue ler com velocidade, precisão, prosódia e compreensão. Uma boa leitura é a capacidade de ler e decodificar com agilidade, na verdade, a capacidade de superar a questão de decodificação e ser capaz de ler e compreender de imediato as palavras e o que se lê. Das várias cordas que compõem uma leitura hábil, várias delas podem ser desenvolvidas na 1^a infância: conhecimento prévio de mundo, fatos do mundo, isso as crianças já podem compreender desde a 1^a infância. Ao visitar o zoológico, ela já conhece sobre os animais, os habitats, os nichos ecológicos, as estações do ano, ao visitar um parque ela conhece sobre a vegetação. Ao assistir a um desenho com os pais ela pode desenvolver uma série de conhecimentos sobre o mundo, os animais, sobre as relações sociais ao ir numa festa de aniversário, ela vai adquirindo conhecimentos, tudo isso contribui com a compreensão das histórias que ela lê e os elementos dos episódios sociais que estão embutidos na história. Tenta ler sobre futebol sem nunca ter visto uma partida de futebol, não se comprehende nada. É uma compreensão de mundo que se aprende fora da escola. Vocabulário, continuamente estamos aprendendo vocabulário. Desde o berço a criança desenvolve seu vocabulário receptivo, depois expressivo. Como é possível entender um texto que contenha um número enorme de palavras desconhecidas? Não é possível! Pegue um texto técnico de uma área técnica com vocabulário específico e tente compreender. Por mais que tenhamos um vocabulário ótimo não comprehendemos os termos daquela área. O vocabulário tem essa importância para a leitura. Não precisamos gastar energia sobre o que significa aquela palavra... o que esta palavra significa neste contexto... é dramática a atuação do professor de ensino médio porque ele recebe alunos que têm um vocabulário muito pobre. O professor quer adiantar o assunto, mas os alunos têm um vocabulário muito pobre. Há que se superar isso com atividades de reforço. O vocabulário deve ser trabalhado no seio da família. As estruturas da língua, a sintaxe, a semântica... ninguém vai para a escola para aprender como estruturar uma pergunta, como ordenar sujeito e predicado, tudo isso ocorre no contato diário com seus pais, com a língua do seu meio. Os raciocínios verbais, as inferências, as metáforas, compreender a figura de linguagem; a criança começa a compreender o que é uma hipérbole, mesmo que ela não conheça o termo, ela já começa a entender. Quando o pai diz, "estou morto de fome", não significa que o pai vai morrer... são resultados de interações com a família e com a escola. O conhecimento de literacia, a convivência com os livros, o contato com material impresso. Veja que toda a parte de compreensão de linguagem pode se dar em um contexto informal de ensino, não precisa de uma aula específica. Os pais entendendo a importância desses elementos podem dar mais intencionalidade pedagógica nos momentos em que estão com os filhos no espaço doméstico, sem cair em uma intencionalidade pedagógica exaustiva.

Inserir imagem, “muitos fios se tecem para uma leitura hábil”.

Nesse modelo de cordas, a parte da consciência fonológica, da decodificação, do reconhecimento automático que são a parte precípua da alfabetização que ocorre nos momentos mais formais do EF são apenas uma parte dos componentes de uma leitura hábil. Há um conjunto de insumos que podem e devem ser trabalhados na EI e também no espaço doméstico. Aí entra a literacia familiar, um conjunto de estratégias simples e divertidas que as pessoas colocam em prática no dia a dia para ajudar a desenvolver a linguagem de seus filhos. Isso significa o estímulo das crianças para compreender melhor o discurso, a falar melhor com mais desenvoltura e clareza e a ler e escrever com autonomia e compreensão. Não é alfabetizar em casa, é oferecer as bases das habilidades precursoras da alfabetização. As práticas de literacia familiar são muitas: interação verbal; modelar linguagem das crianças, sabemos que as crianças têm a linguagem muito telegráfica. “Estou com fome!”. O adulto diz, você está com fome? Quer almoçar? A criança começa a descompactar a sua fala, ter uma fala mais complexa, mais bem estruturada. A leitura dialogada, a leitura em voz alta promove a interação por meio do material impresso. Fazer perguntas sobre a história, chamar atenção sobre elementos da escrita, mostrar como se estrutura um texto, parágrafos, pontuação, chamar a atenção para o vocabulário... para o enredo da história. As crianças gostam de ouvir a mesma história muitas vezes, a cada entrada no livro, pode-se oferecer diferentes habilidades de alfabetização para serem trabalhadas. A impressão, letras maiúsculas e minúsculas e os usos delas. Mais ênfase ao enredo, à narrativa da história ou sobre as características de um personagem. Os contatos com a escrita, giz colorido, cadernos, papel... a leitura e a escrita devem ser vistas como parte do cotidiano da criança, que manipular um lápis não seja algo estranho. Quando chega ao ensino fundamental já deve saber traçar as letras do próprio nome, não deve ter dificuldades de empunhar um lápis, deve dominar traçar pelo menos as letras de seu nome. O que não foi trabalhado na pré-escola deve ser trabalhado no EF, ocupando um tempo precioso que poderia ser utilizado para trabalhar a consciência fonológica, o código alfabético. As atividades como jogar, brincar estão relacionadas ao universo infantil, a arte está embutida na aprendizagem matemática, no campo da linguagem. Cantigas, trava-línguas.... passeio pelo bairro expande o horizonte de uma criança. O confinamento mostrou quanta diferença faz uma criança ter uma noção geográfica de seu espaço. As crianças têm noção de geografia, de espacialidade e isso é trabalhado em atividades do dia a dia que não se percebe como pedagógicas. Até mesmo a motivação dos pais... os pais se percebem como capazes de contribuir com o processo de alfabetização das crianças e também com o desenvolvimento da literacia, não devem se achar despreparados, mesmo que sejam analfabetos. Nada mais equivocado, qualquer pai pode ajudar seus filhos a desenvolverem uma série de habilidades. A motivação das crianças é a motivação das famílias. Temos que pensar em estratégias de desenvolvimento dos professores de EI, tratá-los como vetores importantes do resgate da autoestima dessas famílias e mostrar como essas famílias podem se inserir no processo de educação dos filhos em uma verdadeira ponte com a escola. Tem um material de Singapura que apresenta questões interessantes sobre o assunto. Essas são as práticas de literacia familiar do programa "Conta para Mim", são cinco as frentes do programa, pode-se examinar a portaria do programa. Finalmente temos a Teoria da Mudança que deve andar de mãos dadas com a pré-escola. As famílias recebem orientações e materiais literários seja por meio da pré-escola, da assistência social da saúde e da cultura. As famílias incorporam as práticas de literacia familiar fazendo com que essas práticas sejam atitudes positivas em relação à leitura. As crianças chegam ao final do ensino fundamental mais bem preparadas, consequentemente têm mais chances ao final do 2º ano do EF se tornando leitores preparados e isso concorre para o sucesso escolar e evita o chamado efeito Matheus, onde os ricos ficam mais ricos e os pobres mais pobres. Quem é bem alfabetizado lê mais, prepara-se mais, quem é alfabetizado com mais dificuldade vê a leitura como algo árduo, como algo maçante, portanto, lê menos e aprende menos e se desenvolve em um ritmo menos acelerado. A alfabetização é a chave para o sucesso escolar. Temos que empenhar todos os esforços para que o ensino fundamental dê certo, não significa transformar a EI em uma propedêutica para o EF, a rigor todas as etapas da educação estão entrelaçadas. Temos que reconhecer que o que ocorre na EI dialoga com o EF. Essa transição do EI para a EF é muito sensível. Inclusive no emocional, troca de instituição, de professora, é desafiador para a criança.

No livro de Singapura, há o livro do professor e do aluno. No livro do aluno há uma parte com folhas destacáveis que é para a criança levar para casa e desenvolver com o pai ou a mãe. Não são atividades para a criança desenvolver sentada, há atividades lúdicas que envolvem o corpo, movimento, onde o livro

sugere ao professor atividades diversas e lúdicas. A mensagem final diz que tem que envolver as famílias, tem que explorar os objetivos de aprendizagem tanto de pré-alfabetização quanto de matemática básica, como trabalhar a literacia com os pais na primeira infância.

Raquel disse concordar que a alfabetização é um processo que deve ser iniciado o quanto antes na Educação infantil e que sua consolidação de fato ocorre na Educação Fundamental. Falou da mobilização não só dos profissionais, mas da família para enxergar os benefícios das estratégias de literacia na EI. Explicou ser uma postura inovadora e que muitos especialistas não concordam com a possibilidade de se ter livros didáticos na pré-escola, livros que auxiliem as estratégias de literacia familiar. Geórgia parabenizou a apresentação e disse que a literacia como elemento da EI, ressaltando a importância do envolvimento familiar pode constar das orientações. Tentando juntar a importância do envolvimento familiar com a pandemia, pensou em alguma forma de recomendação para as famílias que poderá constar do relatório final, não apenas para os pais, mas, também, para os familiares e responsáveis. Como a família se abre para literacia? O que uma família de classe menos favorecida pode fazer de baixo custo e de forma efetiva? Isso é essencial para ser inserido no relatório. Eduardo alegou que as redes municipais sob as quais se submetem as escolas e centros de EI devem institucionalizar a prática da literacia familiar, trazendo e orientando os pais, distribuindo livros, criando rotinas de leitura para as famílias, tentando fazer algum tipo de acompanhamento, algo institucionalizado, rede com os professores e dirigentes da EI. Raquel informou ter um documento na Educação Infantil, chamado Parâmetros Nacionais de Qualidade da Educação Infantil, com oito eixos focais, um dos eixos é interação com a família e com a comunidade. A Sealf contribuiu muito nesta perspectiva. Consta também como uma ação proposta a iniciativa de promover encontros com a família, professores e gestores para esclarecer sobre a literacia familiar. Disse que quando receber o relatório para apreciação, incluirá estas orientações sobre a literacia familiar. Rosana ressalta a importância dos dados e o trabalho com a formação de professores feito pela Semesp. Mencionou Ter 15 consultoras contratadas para elaboração de 15 cursos de Educação Especial. Um deles no atendimento educacional especializado para criança em atendimento precoce em educação EI. Esclareceu que a sua equipe é muito pequena, mas faz a leitura de mil e quinhentas páginas que chegam da consultoria e a preparação desse material para lançamento. Pediu ajuda de todos para a divulgação, que será no portal do AVAMEC. Falou, ainda, da possibilidade de ter a professora Fátima Maria Abinel Kabil, da UnB, pesquisadora de EI, para um bate-papo. Para finalizar, Raquel comentou sobre os estudos diagnósticos de qualidade da EI, e que um dos achados encontrados foi a falta de sala de leitura, fato que deveria ser discutido posteriormente. Não havendo mais questões a serem tratadas a reunião foi encerrada às dezenas de horas.